

DIONISIO JACOB

TEXTO E ILUSTRAÇÃO

O Livro das FERAS

*Conforme a
nova ortografia*

São Paulo
2010

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionisio
O livro das Feras / Dionisio Jacob; (ilustrações do autor).
– São Paulo: Formato Editorial, 2010.

ISBN 978-85-7208-665-3 (aluno)
ISBN 978-85-7208-666-0 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

10-04466

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

O livro das Feras

Copyright © Dionisio Jacob

Gerente editorial Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Editora-assistente Andreia Pereira
Auxiliar de serviços editoriais Rute de Brito
Estagiária Mari Kumagai
Edição de arte Norma Sofia – NS Produção Editorial
Revisão Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/
Ana Carolina Nitto, Fernanda Alves, Janaina Silva,
Veridiana Cunha
Produtor gráfico Rogério Strelciuc

Direitos reservados à SARAIVA S.A. Livreiros Editores
Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros
05413-010 – São Paulo – SP
PABX: (0XX11) 3613-3000
Fax Vendas: (0XX11) 3611-3268
www.editorasaraiva.com.br
atendprof@editorasaraiva.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem o consentimento por escrito da editora.

1ª edição
1ª tiragem, 2010

Visite nosso *site*: www.formatoeditorial.com.br
Atendimento ao professor: 0800 011 7875
falecom@formatoeditorial.com.br



SUMÁRIO

Capítulo 1	4		
Capítulo 2	7		
Capítulo 3	10		
Capítulo 4	14		
Capítulo 5	18		
Capítulo 6	23		
Capítulo 7	28		
Capítulo 8	32		
Capítulo 9	36		
Capítulo 10	39		
Capítulo 11	42		
		Capítulo 12	46
		Capítulo 13	49
		Capítulo 14	53
		Capítulo 15	57
		Capítulo 16	61
		Capítulo 17	65
		Capítulo 18	68
		Capítulo 19	72
		Capítulo 20	76
		Capítulo 21	80
		Capítulo 22	83

Tal é a lenda que se conta desde um tempo impossível de calcular: o rei Manu, ao sair para a caça, viu de relance um animal raro e esplêndido. A volúpia por capturar o prodígio foi tão intensa, que ele isolou-se dos seus, penetrando numa floresta com fama de maldita. Nem os gritos de alerta detiveram-no, pois no momento da visão nasceu dentro daquele homem de conhecida sabedoria um desejo imperioso e insano de perseguir a caça fabulosa: um terço fera, com garras e dentes afiados, outro terço Serpente e por fim um terço Ave de asas resplandcentes. O corpo do animal recoberto por penas coloridas riscou repentinamente o fundo verde-musgo da vegetação, desaparecendo em seguida num voo ou salto relâmpago, ocultando-se no interior da inescrutável mata.

O caçador passou a perseguir de forma apaixonada a misteriosa criatura, mais do que o fazia costumeiramente com outras espécies



de animais, como se a visão daquele animal despertasse nele a reminiscência de alguma coisa entrevista ou sonhada, ou então gerasse uma expectativa de encontrar algo tão maravilhoso, além de qualquer suposição. Deste modo, embrenhou-se no cerrado matagal inteiramente absorvido pela captura, com o ser em total atenção, espreitando cada pequeno movimento das folhas, cada sinal, cada marca, cada pegada, até chegar a um local ermo e silencioso, onde o próprio vento parecia temeroso de arejar e não se ouvia o canto de nenhum Pássaro.

Tão profundo era o seu desejo de capturar a raríssima presa que não se ocupou de receios ou cautelas, adentrando bravamente no coração da floresta, distante já de tudo, seguindo apenas a imperiosa necessidade. A escuridão daquela parte da mata era tanta que ele nem sabia mais dizer por quanto tempo se encontrava na busca. Vez ou outra entrevia o penacho multicolorido fulgurando na penumbra, como se tivesse luz própria. Mas ele logo desaparecia sem deixar vestígio.

E então sumiu de vez. O rei caçador perdeu de vista o animal e desesperou-se de encontrá-lo. Já nem tinha certeza se havia visto mesmo aquele bicho ou tinha sido vítima de uma ilusão dos sentidos, ocasionada pela sua própria vontade de encontrar a mais maravilhosa das criaturas.

Entristecido, procurou retornar à sua casa, mas se viu completamente perdido numa região desorientadora, que desafiava os seus conhecimentos de homem acostumado à floresta. Os dias foram passando, transformando-se em semanas, cujo acúmulo gerou os meses, os quais, num lento, mas inexorável desenrolar, produziram um ano inteiro e acabado.

Durante todo aquele tempo, ele vagou sem rumo pelo labirinto vegetal, onde as copas de árvores gigantescas vedavam a plena luminosidade dos dias e ocultavam a face cadavérica

da Lua. Andava em círculos viciosos por caminhos sombrios, reencontrando várias vezes a mesma pedra que já tinha visto, assim como outros sinais que nada mais indicavam senão a própria reincidência. Alimentava-se de frutos silvestres e tomava água de fontes que murmuravam na obscuridade da vegetação.

Com o tempo, ele se resignou com a ideia de não mais voltar para o seu reino, de ser uma criatura como os Lagartos, que, ocultos sob as folhagens, admiravam espantados os passos trôpegos daquela criatura inesperada. Recostava-se por vezes nos largos vãos de troncos antiquíssimos, exausto de caminhar sem destino, e chorava como uma criança ao recordar a sua terra. E o que lhe vinha à memória não eram os faustos, nem as honras reais, mas as coisas mais simples: o riso dos filhos; o jeito alegre da sua esposa, com sua beleza cheia de vitalidade; o cheiro da comida sendo preparada na cozinha; as conversas com as pessoas. E todas essas coisas corriqueiras, agora distantes, pareciam-lhe tão maravilhosas que ele blasfemava contra o bicho raro que havia perseguido e contra si mesmo por se deixar obsedar por aquela visão.

Num dia em que havia chovido bastante, Manu escorregou num trecho lamacento e bateu a têmpora contra duras rochas, à margem de um córrego. Desmaiou e, ao despertar, não se recordou mais de quem era ou do que fazia ali. Passou a viver como um bicho, vagando a esmo, a roupa rasgada, a barba e o cabelo cobrindo o peito, as unhas longas e recurvas. O olhar aterrado provocava instintiva reverência nos outros animais, mesmo nos mais ferozes, que recuavam à sua passagem.

2

Quando já não ecoava em sua alma o menor pensamento ou desejo de escapar ao sortilégio daquela floresta maligna, o rei espantou-se ao deixar para trás a mata cerrada. Após mais de um ano de perambulação, sempre enclausurado pela mata sufocante, deparou surpreso com um extenso Vale, cercado ao fundo por montanhas de picos nevados. Tal Vale, apesar de iluminado pela claridade do dia – o que feria suas retinas adaptadas à semiobscuridade –, parecia um sítio desolado. Foi possuído na mesma hora por um pressentimento de algo fora do lugar. O cheiro forte de sangue trazido pela aragem que varria a tarde evocava uma lamúria coletiva, um clamor surdo repleto de inquietação.

Não tardou a constatar o quanto a sua primeira impressão havia sido precisa: ao aproximar-se de um terreno já distante da floresta encontrou o solo encharcado de sangue recente. Centenas de corpos



dilacerados espalhavam-se pelo chão, atravessados por flechas, pisoteados, com os crânios esmagados por armas rombudas, rostos expressando um pânico congelado. Mas o que o espantou mais ainda do que a horrível carnificina foi o aspecto dos guerreiros. Não se pareciam com ele: antes misturavam formas de humanos e de bestas, alguns com aparência de Símios, outros de Felinos, apenas as pernas e os braços semelhantes aos de um homem. Aquilo lhe pareceu algo monstruoso. Resolveu afastar-se do nefasto lugar, mas ouviu um gemido no meio dos corpos e constatou que um dos combatentes com aparência simiesca ainda vivia.

A dor que se estampava no rosto daquele guerreiro grotesco provocou-lhe um sentimento misto de aversão e piedade. Fosse pessoa ou animal, aquela criatura sofria com tanta intensidade que ele não conseguiu dar as costas e ir embora. Acabou por carregá-la até a sombra de uma grande árvore, onde extraiu com dificuldade uma seta dentada que atravessava a parte inferior do abdômen da vítima. Aflito com os gritos que o guerreiro lançava ao ar carregado da tarde, procurou tratar de modo improvisado daquele ferimento, atando-o com restos da sua própria roupa.

Gotas de suor gelado escorriam pela testa do ser horrendo, que delirava, agitava-se febrilmente, parecendo mesmo que seu fim estava muito próximo. Manu, então, foi procurar por água, e acabou descobrindo uma mina límpida jorrando numa gruta. Voltou e, com grande dificuldade, arrastou o corpo agora desfalecido da criatura até a gruta, onde ficariam protegidos durante a noite que já principiava a envolver o sinistro Vale.

Durante alguns dias tomou conta do guerreiro, mesmo porque não sabia que direção dar à sua existência errante e esperava que, depois de recuperado, o Símio pudesse orientá-lo

sobre aquela região remota. E foi realmente com surpresa que o caçador travou os primeiros diálogos com a criatura enferma, entendendo perfeitamente a sua língua de vocábulos guturais mais gritados que falados. Mas era o Símio que parecia se espantar com a presença dele, querendo saber como havia escapado ao alojamento.

Qual alojamento fosse aquele, o rei naturalmente não fazia a mais vaga ideia, mas sua ignorância pareceu suspeita ao macaco, que mesmo combalido o tratava com rispidez, como se ele fosse um fugitivo e não acreditou quando seu benfeitor lhe disse ter vindo da floresta que margeava o sul do Vale. Tão logo recuperou as forças, a primeira coisa que fez foi dominar o rei e amarrar seus braços num cipó. Parecia não sentir o menor sinal de remorso ao agir assim, tratando seu prisioneiro com absoluto desdém.

E desse modo atado, levou-o por caminhos que parecia conhecer bem, andando sempre na hora noturna, olhando para os lados, visivelmente receoso de alguma emboscada. Após caminharem por duas madrugadas, dormindo durante o dia, os dois avistaram uma construção muito grande, mas rústica, para a qual se dirigiram. O rei assombrou-se ao entrar naquela fortificação: por todo lado havia criaturas daquele tipo, Símios de vários tipos e tamanhos, eufóricos com a chegada do companheiro de luta, que julgavam morto no campo de batalha.

Também se espantavam com aquela presa inesperada, rindo com a história de que ele teria vindo da floresta. Pareciam todos de acordo que o prisioneiro era um grande mentiroso e um fugitivo. Tratavam-no com violência, arrastando-o por vielas até o interior de um edifício escuro e malcheiroso, onde foi atirado numa cela.